

Congresso

Mas nem para alemão ver?... 1986

30 AGo 1986

ESTADO DE SÃO PAULO

Há muito tempo a imprensa vem registrando, com textos, comentários mas principalmente com expressivas fotos, os plenários absolutamente vazios do Parlamento brasileiro. É comum um parlamentar ter apenas o dirigente da sessão para dirigir-se, ou apenas um abnegado assistente para seu discurso proferido da tribuna — em razão do que, em vez de dizer “nobres deputados — ou senadores”, é obrigado a referir-se no singular a *nobre* deputado ou senador, às vezes até citando nominalmente o *outro* colega participante da sessão. Como, nos últimos tempos, se torna cada vez mais difícil “pescar” algum membro das Mesas das Casas Legislativas — Câmara dos Deputados ou Senado —, até para abrir as sessões, há uma permanente busca dos parlamentares “mais velhos” para cumprir aquela função. É possível até que lá se perca muito tempo no confronto de cédulas de identidade...

Regra geral, quando vem a público essa *gazeta* generalizada, ao que se têm acrescentado os *jetons* percebidos sem comparecimento, a preservação de exageradas regalias — como as de reajustes de remuneração e privilégios quanto ao Imposto de Renda, por exemplo —, além dos “trens-da-alegria” e de episódios escandalosos como o dos “planistas”

não punidos, munidos de arroubos “em defesa da instituição parlamentar” vêm congressistas, líderes e dirigentes das Casas responsabilizar exclusivamente a imprensa por hipotéticas “campanhas” de desprestígio do Legislativo. Como avestruzes que se recusam a ver os verdadeiros responsáveis pela desmoralização do Poder Legislativo brasileiro, tais parlamentares e dirigentes encontram o caminho mais fácil de defesa no “espírito de corporação” — recusando-se a admitir que a imprensa é que está defendendo a Instituição, quando critica o comportamento condenável de grande parte de seus membros.

Um recente episódio, todavia, deverá servir para que os ilustres congressistas nacionais se dêem conta de a quantas anda a imagem que exibem tanto perante a opinião pública brasileira quanto a internacional: deputados alemães vieram visitar nosso Legislativo — quem sabe para testemunhar, *in loco*, o nosso tão comentado processo de democratização. Dirigiram-se então para a Câmara dos Deputados, para assistir a seu funcionamento, presenciando uma de suas sessões. Ocorreu, entretanto, que naquela sessão — para variar, aberta pelo deputado “mais velho”, por falta de dirigentes da Mesa — só estavam presentes 14 deputados, dos quais sete eram eles mes-

mos, os alemães. Quer dizer, os deputados alemães compunham metade do quórum! Evidentemente, os visitantes não gostaram daquele deserto, daquele cenário vazio — e com certeza devem ter tirado suas conclusões sobre o papel do Poder Legislativo na nascente democracia brasileira.

“Lá, na Alemanha, senhor presidente, a vida parlamentar é levada a sério. O deputado ou senador alemão tem muito mais seriedade no trato das coisas e qualquer falta é colocada como algo negativo na vida do parlamentar” — disse, na ocasião, o deputado (brasileiro) Ernani Müller, certamente tentando interpretar os sentimentos de seus colegas alemães. Teve sensibilidade em anteciper-se a qualquer pronunciamento inoportuno dos visitantes estrangeiros — o que poderia suscitar reações veementes (talvez por meio de rede de televisão ou rádio), por parte dos dirigentes do Congresso Nacional, contra a “interferência estrangeira” em nossos assuntos parlamentares...

Imagine-se se aqui, “por qualquer falta”, se colocasse “algo negativo” na vida de nossos parlamentares. Quantos haveriam de escapar da eventual lista negra? Se nem para melhorar um pouco a imagem do Legislativo brasileiro ou de nossa democracia ou de nossa Nova Repúbli-

ca, perante a opinião de legisladores estrangeiros — isto é, se nem para inglês (ou alemão) ver... —, os nossos ilustres legisladores se dignaram aumentar um pouquinho suas presenças em seu local de trabalho principal, como será possível defender a imagem, o prestígio da instituição que em qualquer país civilizado do mundo é o estelo da democracia?

Curioso é o fato — e até seria cômico se não fosse trágico — de parlamentares terem de falar para cadeiras vazias do plenário, até mesmo para “denunciar” a “campanha orquestrada” da imprensa “contra o Congresso Nacional”. Dizemos curioso porque as principais críticas são justamente contra as cadeiras sempre vazias do plenário... Isso ocorreu, mais uma vez esta semana, quando um deputado, discursando da tribuna da Câmara para quase ninguém, protestou contra a “campanha difamatória da imprensa” — sendo que só teve a própria imprensa para ouvi-lo, e não seus colegas. E na mesma ocasião, bem longe dali, no aeroporto de São Paulo, um senador repetia acusações semelhantes contra a imprensa. Depois do que constataram os deputados alemães, é possível que os ilustres congressistas brasileiros tenham de envidar esforços para denunciar uma eventual conspiração, também, da imprensa internacional contra nosso Legislativo...